

# HISTÓRIA, RELATOS, REPRESENTAÇÕES

History, narratives, representations.

Historia, relatos, representaciones.

Hélio Sochodolak<sup>1</sup>

Oseias de Oliveira<sup>2</sup>

1. Programa de  
Pós-Graduação  
em História -  
UNICENTRO

2. Programa de  
Pós-Graduação  
em História -  
UNICENTRO



SOCHODOLAK. H; OLIVEIRA. O. História, relatos, representações.  
*Revista Tempo, Espaço, Linguagem. Irati, v. 03, n. 02, Mai-Ago. p.*  
**05-10, 2012.**

## Resumo

Atribuímos sentido ao mundo quando nos expressamos sobre ele, quando relatamos nosso percurso. Dessa forma nossas narrativas são “relatos de espaço” que compõem o que conhecemos ou identificamos ou representamos como real. Neste volume trazemos alguns textos que, de formas diferentes, acabam por esbarrar conceitualmente nestas questões.

## Palavras-chave

História, relatos, representações.

## Abstract

We attach meaning to the world when we express ourselves about it, when we report our route. Thus, our narratives are “reports of space” that make up what we know or identify or represent as real. In this volume we bring some texts which, in different ways, eventually bumping conceptually these issues.

## Keywords

History, narratives, representations.

## Resumen

Damos sentido al mundo cuando nos expresamos en ello, cuando

presentamos nuestra ruta. Por lo tanto, nuestros relatos son “informes de espacio” que conforman lo que conocemos o identificar o representar como real. En este volumen traemos algunos textos que, de diferentes maneras, con el tiempo chocando conceptualmente estos temas.

### **Palabras clave**

Historia, relatos, representaciones.

Atribuimos sentido ao mundo quando nos expressamos sobre ele, quando relatamos nosso percurso. Dessa forma nossas narrativas são “relatos de espaço” que compõem o que conhecemos ou identificamos ou representamos como real. “Quando narramos criamos uma região, transformamos o vivido em significados que são dispostos para nós mesmos e para os outros.” Escrever história, nesse sentido, implica o esforço em acessar os significados do vivido para oferecer um novo relato de espaço, isto é, uma narrativa sobre um percurso teórico-metodológico sobre algo empírico. Tanto nos relatos tidos como fontes, como nos que os profissionais da narrativa historiográfica, percebe-se a necessidade de convencimento, do outro e de si mesmo, da existência de uma região, no limite do principium individuacionis.

Para Certeau, a principal evidência da dinâmica lugar/espço se dá também nas narrativas, nos relatos de espaço. “Os relatos efetuam, portanto um trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaços ou espaços em lugares. Organizam também os jogos das relações mutáveis que uns mantêm com os outros.” (CERTEAU, 1994, p. 200 e DELEUZE, 1997, p.203)

Em Certeau: “Todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço. (...) tem a ver com as táticas cotidianas, faz parte delas (...)” (1994, p. 200) Se considerarmos que, para Certeau, as práticas cotidianas como falar, ler, circular, fazer compras ou preparar refeições, entre muitas outras, são também táticas, (1994, p. 47) então as narrativas, que são invariavelmente relatos de espaço, organizam, dão significado e sentido à vida das pessoas de forma tática o que significa dizer que, para além da ação de “centros de poder” ou dos lugares que demandam um “próprio”, uma individuação, o cotidiano por sua forma de operar, ao modo dionisíaco, oferece elementos suficientes para a produção de significados ou de sentidos, tal operação pode ser igualmente definida como a operação que constitui as regiões. As

narrativas do cotidiano revelam os usos e construções dos espaços ou regiões através das táticas, assim como os discursos (ver FOUCAULT, 1996) dos centros de poder, da governança, dos sistemas econômico-financeiros, revelam as tentativas de constituir lugares e regiões compreendidas no sentido estritamente político-geográfico através das estratégias.

Chamamos de “estratégia” o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico. (CERTEAU, 1994, p. 46)

As estratégias, portanto, são ações que investem na configuração de lugares e de certo tipo de região que possui no poder político, econômico, seu centro de irradiação. Já as táticas, pertencem às práticas do cotidiano e constituem-se em múltiplas e descentradas práticas. As táticas, por sua vez, são atributos que correspondem às potências ctônicas e anônimas do dionísico. Elas não são isoláveis e reconhecíveis nem tampouco controláveis. Dionísio inventa constantemente suas máscaras e seus jogos. “O que se chama sabedoria, define-se como trampolinagem, palavra que um jogo de palavras associa à acrobacia do saltimbanco e à sua arte de pular do trampolim, e como trapaçaria, astúcia e esperteza no modo de utilizar ou de driblar os termos dos contratos sociais. Mil maneiras de jogar/desfazer o jogo do outro, (...)” (CERTEAU, 1994, p. 79 e SOCHODOLAK, 2010). Neste volume trazemos alguns textos que, de formas diferentes, acabam por esbarrar conceitualmente nestas questões.

Inicialmente o professor Cesar Arrueta fala aos professores José Adilçom Campigoto e Oséias de Oliveira a respeito do tema Produção escrita, enredo e intriga. Ele trata das interfaces estabelecidas entre a Comunicação e outras disciplinas tais como a Antropologia, a Sociologia e, principalmente, a História. Aponta que o debate nessa área tem propiciado a afirmação do campo investigativo da comunicação por meio de proposições teórico/metodológicas embasadas na perspectiva interdisciplinar.

Na seção dossiê História, relatos, representações, Maristela Toma ensaia algumas breves incursões pelo universo cultural das navegações portuguesas. Partindo de relatos de viagens da fase inicial da expansão, procuramos investigar a inserção de elementos do maravilhoso nessas narrativas. A ideia

é evidenciar, na tessitura desses relatos, traços de uma bagagem cultural permeada pelo maravilhoso, cujas raízes remontam à herança medieva.

João Carlos Corso apresenta um estudo que tem por objetivo discutir as representações de identidade dos Sem-Terra, através da análise de três documentos, dois editados pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) e um editado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. A discussão ocorre buscando verificar lastros da identidade dos Sem-Terra nestes documentos, bem como na busca de compreender como a CPT e o MST se colocam na luta por nomear o Sem Terra enquanto ator social.

João Paulo Peixoto Costa defende que a leitura de relatos do início dos oitocentos nos oferecem panoramas analíticos mais complexos das supostas causas da “ruína” em que se encontrava a Capitania do Ceará, além de permitir caracterizar, com esta variedade de opiniões, quais eram os rumos que deveriam ser tomados pelo governo lusitano para civilizar o Ceará.

Bruna Silva parte do estudo do periódico Revista Guairacá, publicação de caráter científico nascida de uma proposta de agregar produções de ciências exatas, naturais, sociais aplicadas, bem como, ciências da saúde e ciências humanas. A periodização do estudo abarca os exemplares publicados de 1982 a 2007. Na trajetória do periódico encontram-se representações identitárias e míticas estabelecidas entre os sujeitos e a terra pautado em uma concepção iluminista de história.

Itamara Cris Marchi tem por objetivo abordar as mulheres catadoras de materiais recicláveis de União da Vitória no início do século XXI, no universo familiar, no contexto do trabalho doméstico, da participação na comunidade e na atividade que corresponde à única fonte de renda familiar. Como fonte de pesquisa a pesquisadora se atém na análise das entrevistas prestadas ao Projeto “Os Catadores da Margem Esquerda: Coleta, Sobrevivência e Identidade no Médio Iguaçu no início do século XXI”, do colegiado de História, da FAFIUV, realizadas entre 2009 e 2010.

Temos ainda um ensaio de Rodrigo Diaz de Vivar e Edelu Kawahala. Os autores partem do seguinte questionamento: qual o sentido histórico da invenção do Brasil por parte de Gilberto Freyre? Tal pergunta ressoa pelo texto “Gilberto Freire e a invenção do Brasil” de Roberto Cavalcanti de Albuquerque, apresentando uma categoria de análise inaugurada pelo “mestre de apipucos” no que diz respeito ao conjunto de imagens socialmente construídas da nossa sociedade ao longo de sua trajetória intelectual. Nessa invenção

do Brasil o que está em jogo são os constantes desdobramentos circunscritos em diversas percepções e interpretações, nas quais os objetos de análise são pacientemente traduzidos, organizados e atualizados em um trabalho que assemelha-se ao perspectivismo cinzento da genealogia.

Fabio Lopes Alves apresenta seu projeto de pesquisa cuja problemática é a compreensão de como se dá a construção social do corpo feminino, a partir do cotidiano de algumas garotas de programa de luxo. Dentre os objetivos da investigação, destacam-se: analisar como as garotas de programa moldam seus corpos aos padrões exigidos? Como investem no corpo? O que pensam sobre esse investimento, bem como as exigências definidas sociedade? Quais são as prescrições estéticas, higiênicas e morais que são impostas às garotas de programa inseridas na categoria de luxo? Em resumo: como o corpo das prostitutas de luxo é construído socialmente, tanto no imaginário quanto na realidade.

Por fim, incluímos a resenha de Beatriz Anselmo Olintio a respeito do livro *A escrita da história: a natureza da representação histórica*. Frank Ankersmit é hoje uma das principais referências na reflexão sobre a escrita da história e suas especificidades. O autor vem discutindo as características do texto histórico e suas relações com a realidade, compreendendo-o como uma representação, para isso, lançou mão de um amplo debate com a filosofia da linguagem, caminho mais frutífero para a compreensão da escrita da história do que a teoria literária, já que a história é narrativa, mas não somente isso.

## Referências

ANKERSMIT, F. R. **A escrita da história: a natureza da representação histórica**. Londrina: Eduel, 2012.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. vol 1 Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Vol 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 2 vol.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

GIRARD, René. "Système du delire", **Critique**, n 306, nov. 1972. p. 963.

\_\_\_\_\_. **A violência e o sagrado**. São Paulo: UNESP, 1990.

MAFFESOLI, Michel. **A parte do diabo**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 1976.

SOCHODOLAK, Hélio. **O jovem Nietzsche e a história**. São Paulo: Annablume, 2009.

\_\_\_\_\_.; KLANOVICZ, Jó; ARIAS NETO, José Miguel, (orgs). **Regiões, imigrações, identidades**. Ponta Grossa: ANPUH-PR, 2010.